



Psicologia em Estudo

ISSN: 1413-7372

revpsi@uem.br

Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Emmanuelli, Michèle

As saídas para o trabalho psíquico da adolescência

Psicologia em Estudo, vol. 16, núm. 1, marzo, 2011, pp. 51-60

Universidade Estadual de Maringá

Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287122137007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

AS SAÍDAS PARA O TRABALHO PSÍQUICO DA ADOLESCÊNCIA

Michèle Emmanuelli*

RESUMO. O processo de adolescência coloca em questão o trabalho psíquico da elaboração do Édipo, do narcisismo e da problemática de separação. Como se desenvolvem estes processos ao longo do tempo e aonde é que eles chegam? A partir de romances propondo retratos da adolescência e de romances de juventude, de diários e de cartas da adolescência, mas também de pesquisas feitas com a metodologia projetiva junto a adolescentes e a criadores, o autor questiona o que se entende por « crescimento psíquico » e interroga o destino destas elaborações.

Palavras-chave: Elaboração psíquica; testes projetivos; adolescência e literatura.

THE ISSUES OF PSYCHIC WORK AT ADOLESCENCE

ABSTRACT. The process of adolescence triggers psychic elaboration work on the Oedipus, on narcissism and the problem of separation. How is this process expressed through time and what are the results? Based on fictional work furnishing portraits of adolescents and young people, the personal diaries and letters of adolescents, but also research carried out using projective methods with random adolescents, adults and creative people, the author reflects about what underlies “psychic growth” and considers the various destinies of its elaboration.

Key words: Psychic elaboration; projective tests; adolescence and literature.

LAS SALIDAS DEL TRABAJO PSIQUICO DE LA ADOLESCENCIA

RESUMEN. Las salidas del trabajo psíquico de la adolescencia. El proceso de adolescencia pone en juego un trabajo psíquico de elaboración del Edipo, del narcisismo y de la problemática de separación. Cómo se despliega con el paso del tiempo este proceso y qué consigue? A partir de novelas que ofrecen retratos de adolescencia y novelas de juventud, diarios y cartas de adolescentes, pero también de investigaciones llevadas a cabo a partir de la metodología proyectiva ante adolescentes, de jóvenes adultos y de creadores, el autor plantea la pregunta de aquéllo que sostiene el “crecimiento psíquico”, e interroga los destinos de estas elaboraciones.

Palabras-clave: Elaboración psíquica; pruebas proyectivas; adolescencia y literatura.

O tema do desenvolvimento psíquico é rico em aberturas possíveis e contém inúmeros questionamentos. Escolhi abordá-lo focando minhas questões na adolescência a partir de alguns resultados de pesquisas realizadas com metodologias projetivas e também de romances, diários e cartas publicadas nos quais os autores apresentam, com uma distância variável, seus próprios questionamentos como adolescentes ou atribuem às suas personagens aquilo de que se defendem durante sua vida. Reli os romances e as belas novelas de Carson McCullers (*Le cœur est un chasseur solitaire*, Frankie Adams, *L'horloge sans aiguille*) (*O coração é um caçador solitário*, Frankie Adams, *O relógio sem ponteiros*) que nos oferecem retratos de adolescentes de uma

extraordinária sutileza. Reli igualmente *Les désarrois de l'élève Törless* (*Jovem Törless*), de Müsil, que nos esclarece sobre a complexidade das relações entre os adolescentes. Percorri também os romances de juventude de Flaubert; *L'amant* (*O amante*), de Marguerite Duras; *L'enfant du Danube* (*A criança do Danúbio*), de János Székely, e os diários de Julien Green e de James Joyce, para refletir sobre os questionamentos fundamentais em torno desse tema, a saber: em que consiste o trabalho psíquico da adolescência, e, sobretudo, no que ele resulta se o consideramos na perspectiva do crescer-amadurecer? Existe um objetivo? Se existe, qual é e quando é que podemos considerar que foi atingido? A escuta de certos pacientes, estagnados bem além da maturidade,

* Professora de Psicologia pela Universidade Paris, Descartes, França.

em uma eterna reivindicação diante dos seus primeiros objetos de amor, mostra-nos quão ilusória pode ser a ideia que a idade basta para fazer crescer. Sandor Marai, depois de ter escrito, em 1929, com 29 anos, *Les revoltés (Rebeldes)* em que retrata a entrada na adolescência de um grupo de jovens garotos, ele oferece, assim como em *Les braises (As brasas)*, escrito aos 40 anos, uma ótima ilustração da paixão mantida até a velhice sem renúncia.

Jovem e velho me parecem neste momento as maiores oposições de que a vida é capaz: uma compreensão entre os representantes destas duas idades não é possível. Mas a passagem pela sublimação permite a certos criadores o acesso a essa compreensão. Basear-me-ei em algumas destas obras para ilustrar as questões que concernem ao trabalho psíquico da adolescência, considerando, a partir dos testes projetivos, o que se mantém, se confirma ou se abandona deste registro ao longo do tempo (Freud, 1928, p. 482).

A PROBLEMÁTICA DA ADOLESCÊNCIA

Deixemos um adolescente falar e ele nos mostrará por que este trabalho psíquico deve se instaurar:

Sou um adolescente. Pena de mim! Pena de todos os adolescentes do mundo. Eu não sou feliz. Tudo em mim é discórdia e combate. Meu coração é de uma criança, mas eu tenho a voz grave de um homem. A barba começa a pressionar minhas bochechas e, no entanto, como um menininho, às vezes tenho vontade de comer um doce, uma bala. Eu daria com ardor cinco anos de minha vida! Sim, cinco anos para ter terminada esta odiosa adolescência (...) as pessoas que riem quando me olham, eu gostaria de matá-las...sinceramente eu gostaria de matá-las. Eu sou uma criança terna e pacífica (Duhamel, 1934).

Este texto, de Georges Duhamel, tirado do romance *Le jardin des bêtes sauvages (Fábulas do meu jardim)* de 1934, não foi escrito de fato por um adolescente, mas sim, por um romancista que, evidentemente, lembra-se muito bem de sua própria adolescência e dos conflitos e contradições que lhe são tributárias. Ele propõe uma dimensão temporal (cinco anos) a esta etapa cuja importância a psicanálise, na sequência de Rousseau, passou a ressaltar.

Segundo a etimologia, o adolescente é aquele que está se tornando adulto. A adolescência é o tempo em que se cresce e amadurece. Vasto programa se então, a diferentes domínios: o corpo, o pensamento e todo aparelho psíquico estão implicados nesta evolução fundamental. Ela é fundamental porque empurra o jovem indivíduo para fora do estado e do estatuto protegido da criança antes da puberdade, para arremessá-lo em uma cena onde se realizam novamente os jogos complexos do amor e do ódio do Édipo, de uma maneira muito mais perigosa para os seus protagonistas que nos primeiros tempos do conflito.

De algumas décadas para cá, os psicanalistas que se interessam especificamente pela adolescência, evocam o adolecer como processo psíquico que se inicia antecipando a puberdade e continua até um fim, cujo tempo é mais difícil de determinar, mas que, segundo Guillemin (2001) tem que chegar algum dia. Não acho que seja pertinente fazer uma extensão abusiva da noção de pós-adolescência, como se propõe hoje em dia; mas o fim do processo raramente é marcado por uma elaboração psíquica que garanta a solidez dos compromissos do futuro adulto com seu trabalho, com suas relações amorosas e com a fundação de sua família. Observamos frequentemente um deslocamento desta elaboração para um futuro sempre adiado. Os romances o apresentam: o Édipo, em *Les braises (As brasas)*, de Sandor Marai (1930), espera sua hora até os 75 anos: o seu rival deve voltar para que eles possam enfim se explicar e para que possa eventualmente ser realizada a elaboração da perda da mulher amada, ou, pelo menos, o abandono da recusa dessa perda. Os protocolos dos testes projetivos demonstram o mesmo. Não levei as minhas pesquisas até os 75 anos de idade, mas as pesquisas com adultos não pacientes, como a que fiz sobre o feminino juntamente com Monika Boekholt há cerca de dez anos¹, seguem no mesmo sentido. Ao retomar os protocolos das 30 mulheres jovens que encontramos, cujas idades giravam em torno de 30 anos, constatamos quão pouco elas elaboraram questões fundamentais como crescimento e amadurecimento, quanto isto dura e por quais etapas passa. Por exemplo, constatamos quão raro é, para estas jovens mulheres não pacientes, o deslocamento dos investimentos edípicos para um novo objeto de amor, evidenciados durante as entrevistas: ele somente é encontrado nas mulheres cuja relação com a mãe mantém-se a uma boa distância.

¹ Emmanueli, Boekholt, 1996.

No Rorschach a angústia de castração está presente na maioria dos casos. Ela se inscreve no seio das relações negativas com uma mãe suspeita de querer dominar o interior do corpo de sua filha - dados clínicos que evocam as elaborações de Melanie Klein sobre os laços entre mães e filhas. As dificuldades de investimento na identificação feminina estão frequentemente relacionadas ao ódio por esta mãe que conhece todos os segredos de sua filha, ódio que se expressa no Rorschach pela agressividade e pelo denegrimiento da sexualidade feminina. O TAT revela frequentes dificuldades em sair de uma importante inibição diante de uma representação materna pouco confiável ou deteriorada. O tratamento dado à prancha 19, por exemplo, raramente remete a uma relação de objeto que permita a ambivalência. De maneira geral, só encontramos a figuração de um corpo investido por ele mesmo e simultaneamente por um outro em dois dos trinta casos investigados. Este investimento situa-se lado a lado com um investimento concomitante do processo de pensamento. Estas constatações surpreendentes abrem perspectivas de pesquisa e de reflexões a serem exploradas.

Como se pode observar, o tema do crescimento psíquico me incitou a ir além dos limites de idade da adolescência. Esses limites estiveram presentes em minha tese e em meus primeiros trabalhos e me levaram ao seguinte: não é durante o tempo da adolescência que este ou aquele aspecto do trabalho psíquico se opera (o trabalho de luto, a sublimação), mas mais tarde. Eles me fizeram pousar outro olhar sobre a continuidade temporal em trabalhos posteriores que concerniam a dultos (as mulheres que participaram da pesquisa sobre a feminilidade, os artistas pintores de idades diversas que aceitaram fazer as entrevistas e os testes projetivos para outra pesquisa) para poder pensar, a partir desta questão, sobre o que é crescer e amadurecer e sobre os destinos desta elaboração, que se inicia na adolescência.

A REATIVAÇÃO PULSIONAL DA ADOLESCÊNCIA

Relativamente aos processos da adolescência, a psicosexualidade, articulada de maneira mais ou menos estreita à sexualidade fisiológica, está na posição central do que está em jogo: O advento da puberdade inaugura as transformações que devem levar a vida sexual infantil à sua forma definitiva Freud (1905) (em *Trois essais sur la théorie de la sexualité* (*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*)). Isto implica uma reativação pulsional importante e,

com o desaparecimento da proteção oferecida pela imaturidade do corpo, a retomada do conflito edípico.

Novembre (Novembro), obra juvenil que Flaubert escreve entre dezoito e vinte anos, ilustra esta perspectiva, que coloca o corpo sexuado no centro deste processo, estimulando o pensamento e suscitando afetos oscilantes:

Existe uma idade em que nós sorrimos vagamente, como se houvesse beijos no ar; temos o coração inflado de uma brisa cheirosa, o sangue pulsa quente nas veias, borbulha, como o vinho borbulhante na taça de cristal (...) simultaneamente eu sentia a cada dia o desenvolvimento de minha inteligência, ela vivia com meu coração uma vida em comum. Eu não sei se minhas ideias eram sentimentos, pois elas tinham todas o calor das paixões (Flaubert, 1842, p. 124).

O desejo a que ele estava submetido (“Eu sentia uma necessidade de voluptuosidade”) anuncia a busca de um objeto sexual ainda indeterminado, até mesmo a fantasia de uma completude narcísica:

Que eu não possa apertar qualquer coisa em meus braços, sufocá-la sob meu calor, ou bem a desdobrar eu mesmo, amar este outro ser e nos fundir juntos (Flaubert, 1842, p. 149).

Mais tarde o desejo o lança – como Cupido – na frente de todas as mulheres:

Nem esta, nem aquela, não mais uma que a outra, mas todas, mas cada uma, na variedade infinita de suas formas e do desejo que lhe correspondia (Flaubert, 1842, p. 151).

Este investimento dos objetos é acompanhado de um investimento narcísico e de um reencontro com a megalomania infantil. A bissexualidade psíquica é intensamente convocada, acompanhada de fantasias em que se alternam atividade e passividade:

Eu queria ser imperador pela potência absoluta, pelo número de escravos, pelos exércitos desmanteados de entusiasmo, eu teria querido ser mulher pela beleza, para poder admirar a mim mesma, ficar nua, deixar cair meus cabelos sobre meus calcanhares e poder me olhar refletida nos riachos (Flaubert, 1842, p. 136).

Eu teria querido ser sufocado sob as rosas, eu teria querido ser sufocado sob os beijos, ser a flor que o vento sacode, a margem que o rio

umedece, a terra que o sol fecunda (Flaubert, 1842, p. 50).

Voltando aos adolescentes de hoje em dia, a partir dos testes projetivos, podemos constatar, a partir dos protocolos obtidos com estes testes, que o tratamento do conflito edípico é particularmente complicado no começo da adolescência, em consequência da sua reativação. Mais tarde ele encontrará saídas no jogo das identificações, mas ele precisa recorrer a estratégias defensivas reforçadas, tais como distanciamento, recurso a defesas rígidas, particularmente diante das pranchas figurativas do TAT. Esse tratamento provoca também momentos de desestabilização.

Na pesquisa feita para a minha tese, evidenciei o fato de que o tratamento do conflito edípico foi difícil para mais da metade dos vinte e dois adolescentes não pacientes, nos quais o conflito levou a um movimento de inibição de intensidade variável. Esta inibição é fortemente acentuada nos adolescentes que apresentam dificuldades. No caso daquela pesquisa, tratava-se de dificuldades relativas ao investimento na escolaridade, mas ela pode também dar lugar a francos movimentos de desorganização.

A PROBLEMÁTICA NARCÍSICA

As modificações da puberdade e o confronto com o conflito edípico, ao despertarem a angústia de castração e a angústia de perda, contribuem para fragilizar o narcisismo dos adolescentes, com efeitos diferentes sobre sua adaptação à realidade e sobre sua criatividade.

Para alguns adolescentes, esta fragilidade pode ser estimulante mesmo que não mantenha para todos, este efeito positivo: na literatura os escritos de Flaubert, citado anteriormente, são um exemplo; Rimbaud, no entanto, personifica uma criatividade que não pode ultrapassar a adolescência. O investimento de alguns adolescentes em um diário íntimo, que exerce o papel de uma personagem imaginária, proporciona, através da escrita, o tratamento da problemática da adolescência. Os *Journals (Diários)* de Anne Frank são ótimos exemplos: desde a morte de seu pai, em 1942 estão disponíveis as anotações manuscritas do diário a partir do qual Otto Frank definiu a versão que foi publicada. Escrito entre 13 e 15 anos, o diário circunscreve a puberdade e oferece “Um espaço para concretizar o íntimo da experiência de si em plena transformação pubertária” (Chiantaretto, 1999, p. 187). Anne, comentando no *après-coup* sua evolução, ao final de dois anos revela, em um primeiro

momento, uma pré-adolescente muito ligada a seu amor edípico, esperando do pai uma atenção que ele não podia mais lhe oferecer naquela idade, e decepcionada por se desiludir quanto a isso:

Eu sempre falava tanto, eu tentava de todas as minhas forças tornar meu pai meu confidente, eu não consegui, eu me encontrava sozinha e, noite após noite (ou quase), eu apenas chorava... (Frank, 1989, p. 556).

A seguir, ela descreve uma etapa intermediária :

Eu adentrei uma idade ingrata, meu corpo tornou-se adulto e meu espírito sofreu uma grande mudança (...) eu comeci a escrever e acabei por descobrir a mim mesma. Eu confiei, mas eu também me magoei, pois eu entendi que mamãe não podia mais ser para mim um porto seguro e que papai não seria jamais meu confidente (...) (Frank, 1989, p. 557).

Quando escreveu este fragmento ela acabava de descobrir em Peter, filho de uma família escondida junto com eles, seu objeto de amor pubertário. Ela encontra neste novo investimento, ancorado na aceitação positiva da sua feminilidade, um apoio psíquico para renunciar com menos violência ao laço com sua mãe e, com um pouco mais de nostalgia, ao pai-companheiro ideal.

Dos testes projetivos, é principalmente no de Rorschach que os efeitos estimulantes para os processos de pensamento desta fragilidade narcísica podem ser observados, como também seu impacto negativo.

O de Rorschach solicita, sobretudo, a problemática narcísica dos adolescentes, incluindo aí a reativação pulsional que o próprio teste provoca. Alguns adolescentes são mobilizados por esta solicitação, o que os leva a simbolizar as representações de dano e de proteção e a investir nisso as respostas de percepção de movimento, as respostas de cor simbólicas, ancorando-as em respostas globais ou de detalhe organizadas, e enfim, a jogar com as representações bissexuais. Os protocolos inibidos ou desorganizados são preocupantes nesta idade².

A fragilidade narcísica que acompanha os processos edípicos “sidera” ou desorganiza aqueles cujo processo da adolescência faz as defesas balançarem, revelando as fragilidades psíquicas escondidas até então.

² Emmanueli (1994).

Crescer, para a adolescência, é enfrentar a retomada do conflito edípico, e os testes projetivos nos mostram a intensa mobilização psíquica que tal retomada suscita. Os testes mostram também os impasses com os quais alguns adolescentes se deparam em relação a esta problemática, que durante a latência fica suspensa e sem elaboração.

A ELABORAÇÃO DA SEPARAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA: EM DIREÇÃO À IDADE ADULTA

O terceiro registro da problemática que deve ser tratada no processo da adolescência é o da separação e da perda. Poderíamos elaborar a hipótese de que o fim da adolescência acompanha a conclusão deste trabalho.

A separação pode ser vislumbrada na pré-adolescência. Seu pressentimento leva os jovens a uma mobilização defensiva contra o anúncio de uma perda futura. Uma pesquisa realizada a partir dos testes projetivos (Emmanuelli, 1996) me permitiu compreender isto. A inibição intelectual, cujos efeitos aparecem como dificuldade escolar, está relacionada a uma preocupação relativa aos laços com os primeiros objetos. A criança que sai da latência pressente que está relaxando estes laços e ela mesma os atacará para se ver livre deles durante o processo da adolescência. Neste período, a elaboração psíquica da separação mobiliza gradualmente grande parte de todo o trabalho psíquico e, como toda etapa fundamental, ela recoloca em cena a posição depressiva. O trabalho de luto não pode ser associado somente a este processo de desligamento psíquico dos primeiros laços e dos objetos edípicos, mas também ao desinvestimento de uma imagem de si carregada dos ideais de infância, pois existem certas similaridades entre os dois. Nos dois casos, a saída implica em passar pela identificação ao objeto, e o tempo tem uma importância considerável neste processo. Nos dois casos os afetos reativados são dolorosos, e é esta dor psíquica que o adolescente frágil procura evitar, desviando-se das representações de separação, muitas vezes, mediante o recurso aos distúrbios de comportamento e à repressão dos afetos.

Antes de poder se desligar, é necessário, como no luto, admitir o ódio aos primeiros objetos de amor para, em seguida, sustentar os sentimentos opostos que caracterizam a ambivalência. Os três estudos de caso apresentados para ilustrar o capítulo sobre a reativação da perda do objeto, escrito por Catherine Azoulay (Emmanuelli & Azoulay, 2008), mostram bem o contraste entre Ronald - que aos 16 anos pôde apoiar-

se em bases narcísicas de qualidade e vislumbrar um tratamento da ambivalência para abordar (sem poder ainda elaborar a posição depressiva) as representações de perda e os afetos que estão associados - e Han e Adrien, que com 18 anos ainda estavam envolvidos pelas maiores dificuldades no tratamento da perda do objeto.

De qualquer maneira, a elaboração da posição depressiva implica, para muitos sujeitos, tempo e uma importante mobilização psíquica. As modalidades do tratamento de sua reativação na adolescência aparecem aos poucos e flutuam, para se manifestar a partir dos vinte anos nos adolescentes cuja evolução permitida pela qualidade do entorno não se revela problemática. Ela finaliza, na maior parte dos casos, em uma abordagem que permanece defensiva, ou bastante frágil, e submetida às flutuações ligadas aos percalços da vida.

Continuando o balanço dos dois anos precedentes, Anne Frank lembra seu embarço em janeiro de 1944, ao descobrir o ódio por sua mãe que ela havia exprimido dois anos antes em seu diário:

Esta manhã, como eu não tinha nada a fazer, eu folheeí meu diário e me deparei por diversas vezes com cartas tratando do tema “Mamãe” em termos tão violentos que eu fiquei chocada (Frank, 1989, p. 447).

Ela continua: “Este diário tem valor para mim, pois em sua maior parte é um repertório de lembranças, mas sobre muitas páginas eu poderia escrever ‘ultrapassado’”. Observamos nestas páginas o processo de separação iniciar-se a partir do trabalho de desidealização das imagens parentais, que continua de uma maneira mais suave. É uma renúncia à mãe ideal apoiada na projeção no futuro da própria função materna:

Eu sinto falta a cada dia e a cada instante da mãe que me compreenderia. E é por isto que digo, a cada um de meus gestos e a cada coisa que eu escrevo, que eu gostaria de ser, mais tarde, para meus filhos, a mamãe com a qual eu sonho (Frank, 1989, p. 471).

Ela se apoia igualmente, para este trabalho de separação, em sua nova relação com Peter. De fato, como escreveu Raymond Cahn,

É através dos novos objetos externos, adultos ou pares, que o adolescente pode se livrar de suas fixações e de seus antigos laços, de suas identificações, assim como, de suas escolhas de objeto (Cahn, 2002, p. 114).

Para que seja possível o apoio sobre outros objetos externos e o distanciamento dos antigos laços é necessário que os primeiros objetos sejam propostos como primeiros suportes identificatórios possíveis, antes de «resistir», segundo Winnicott, aos desejos de morte da adolescência.

É nestas condições que a transferência dos desejos ternos e apaixonados pode operar, fazendo-os recair sobre novos objetos de amor e permitindo que o trabalho da adolescência continue: “Crescer é amar, amar é crescer” - escreve Christian acerca da adolescência (David, 1998, p. 8). Para Peter Blos, a entrada na idade adulta é marcada pelo compromisso da paternidade ou da maternidade. É o que, em vão, Kafka tenta realizar.

Franz Kafka escreve aos trinta e seis anos uma carta ao seu pai mas essa carta ele nunca a enviaria, seguindo assim os conselhos que lhe haviam sido dados. Ela seria publicada mais tarde, com o título: *Lettre au père (Carta ao pai)*. Nela, Kafka aparece como um eterno pós-adolescente: ele mora com seus pais, opta por um trabalho medíocre com o qual decepçiona seu pai, e tenta casar várias vezes. Suas tentativas fracassam por causa da ironia do seu pai, mas, sobretudo, por causa da sua própria incapacidade de assumir este compromisso que marcaria a passagem à idade adulta.

Percebemo-lo neste contexto - ao contrário da jovem Anne - paralisado na elaboração do processo de desligamento dos antigos laços, em razão de uma posição homossexual não elaborada e da dificuldade em aceitar sua própria ambivalência. Atento ao olhar negativo que atribui a seu pai, ele coloca em cena uma contraidentificação negativa e afirma a impossibilidade de se identificar ao pai, que ele descreve como seu total oposto:

Compare nós dois: eu, para ser breve, um Löwy (da linhagem materna), com um certo fundo Kafka que justamente não é estimulado por aquela vontade que carrega os Kafka através da vida, os negócios, a conquista, mas por um agulhão Löwy, mais secreto, mais arisco, que age em uma direção diferente e muitas vezes nem age; Você pelo contrário, um verdadeiro Kafka pela força, saúde, apetite, potência vocal (...) (Kafka, 1919, p.14).

Nós éramos tão diferentes, e esta diferença tão perigosa tanto para um como esmagar e que não restaria nada de mim (Kafka, 1919, p.15).

(...) para o outro, que nós poderíamos ter suposto que você iria simplesmente me Criança: eu já tinha sido esmagado por sua simples aparência física (...) eu, magro, fraco, o corpo estreito; você grande, forte (Kafka, 1919, p.19).

A questão do casamento surge para o sujeito, mas ele não se sente capaz de assumir esse compromisso:

Mas o principal obstáculo ao casamento é a convicção, desde agora de mim indissociável, que para manter uma família e, mais do que isto, ser seu chefe, é necessário possuir o que eu reconheço em você, tudo junto o bom e o mal, de maneira que eles se encontrem organicamente reunidos em sua pessoa, a saber, a força e a capacidade de insultar o outro, a saúde e um certo excesso, a eloquência e o fechamento ao diálogo, a confiança em si e a insatisfação inversamente a todo o resto (...) (Kafka, 1919, p. 81-82).

Sem dúvida é também a intensidade da problemática edipiana - que lhe traz uma excitação incestuosa - que o liga sem trégua ao casal parental, impedindo assim a elaboração do processo de separação. Em carta a Felice Bauer (19/10/1916), Kafka escreve :

Eu persigo tudo aquilo com meu ódio: a visão do leito conjugal em casa, os lençóis que foram utilizados, os pijamas cuidadosamente dispostos, podem me exasperar até a náusea, me contorcer o interior do corpo, é como se eu não tivesse definitivamente nascido, como se eu sísse continuamente desta vida sufocante para vir ao mundo neste quarto sufocante (Kafka, 1919, note p. 90).

Para organizar o trabalho de desligamento dos objetos edípicos, que leva à elaboração da separação e permite os investimentos em novos objetos, é preciso ter começado o trabalho de remanejamentos do Édipo pubertário não só na sua versão positiva, mas também na negativa. Para Blos, a elaboração da versão homossexual do Édipo marca o fim da adolescência.

Cabe aqui uma pergunta: será que podemos considerar que na adolescência o trabalho de elaboração da separação, ao se articular à problemática edipiana, pode ser bem conduzido na maioria dos casos?

Nas minhas primeiras pesquisas, em que comparei adolescentes inteligentes, que obtêm sucesso escolar, com outros que fracassam, pude colocar em evidência - a partir de um estudo minucioso contendo o

Rorschach e o TAT e enfocando a evocação de uma situação depressiva³ e do laço entre representações e afetos - que bem poucos adolescentes situam-se no registro da elaboração da perda do objeto. A evocação de uma situação depressiva só é possível para a metade dos adolescentes, sejam quais forem sua idade e seu grupo (fracasso ou sucesso). A ligação entre as representações e os afetos não é acessível facilmente para a maior parte dos sujeitos dos dois grupos.

Em 2004, duas estudantes que participavam de um seminário de último ano da graduação na Universidade Paris Descartes e elaboravam suas monografias usaram a mesma metodologia para testar suas hipóteses. Caroline Richard (2004) trabalhou sobre o roubo sintomático na adolescência e Audrey Vieira (2004), sobre a qualidade da representação da perda do objeto nos indivíduos anoréxicos na adolescência. As duas fizeram um excelente trabalho que as conduziu a propor hipóteses relacionadas à problemática de separação. A comparação que elas fazem entre os protocolos de adolescentes participantes da pesquisa e dos testemunhos adolescentes segue o mesmo sentido do que eu já havia encontrado: não se podem colocar em evidência, pelo menos neste ponto, diferenças entre os dois grupos. É no registro do narcisismo (articulado com o Édipo) que os trabalhos psíquicos dos adolescentes dos dois grupos se diferenciam.

No que concerne à faixa dos jovens adultos, as mulheres jovens da pesquisa sobre o feminino, com trinta anos ou mais, teriam abordado as representações de perda e os afetos que lhes são associados nas pranchas que as solicitam? Elas tratariam as relações de objeto pelo modo da ambivalência? Nem tanto... Retomando os casos e os resultados, como já visto, encontrei dificuldades elaborativas em grande parte dos casos das jovens, em sua maioria ainda fortemente ligadas ao objeto materno por um laço difícil de negociar.

Crescer, amadurecer - se nos restringirmos aos critérios de elaboração psíquica dos conflitos essenciais que marcam a nossa vida - é algo bastante difícil para os humanos. O trabalho do analista é testemunho disso e poderíamos dizer que em nossos

divãs se sentam, para serem ouvidos, justamente aqueles para quem isto é difícil. Ademais, existem fora dos nossos consultórios seres cujo funcionamento psíquico é relativamente livre de entraves. Eles existem, nós os encontramos. Mas são tão poucos... Assim, quando é que podemos considerar o processo como terminado?

A novela d'Henri James, *La bête dans la jungle* (*A fera na selva*) pode levar-nos a meditar sobre esse percurso, por mais de um motivo. A história propõe uma metáfora suficientemente ambígua para que cada leitor possa interpretá-la à sua maneira, mesmo que a interpretação que Gerard Depardieu propôs no outono de 2004 tenha aplacado esta diversidade, contrariamente à versão proposta por Samy Frey vinte anos atrás. A meu ver, trata-se da trajetória de um homem que não pode sair da sua adolescência, apesar - ou talvez justamente por causa - da jovem que ele encontra para acompanhá-lo em suas cegas tateações na vida. Narciso (Narciso) encontrou uma fonte e ali permanece. Eles começam uma relação amigável na base de um pacto, ela esperará com ele o acontecimento que deverá lhe suceder. Toda a sua vida é voltada para a espera de algo terrível que deverá acontecer, algo espantoso, aterrorizante para o qual ele foi escolhido. Não pode ser o amor - diz ele, que já estivera apaixonado sem se render completamente. Esta espera serve de desculpa para recusar todo comprometimento objetal: "Algo tinha sido pego em uma emboscada em alguma parte do longo caminho sinuoso de seu destino, como uma besta à espreita se estapeia na sombra da selva, pronta a saltar. Pouco importava saber quem, se ele ou a besta, morria, mas era claro também que um homem um pouco delicado não devia se colocar em posição de ser acompanhado de uma mulher para ir caçar o tigre" (James, 1903, p. 38).

Ele espera, eles esperam juntos. Ele vive para conversar com ela acerca desse futuro que lhes pertence e permanece enclausurado em um funcionamento narcísico que o protege das decepções da vida, dos investimentos objetais, da constatação da passagem do tempo e até da morte dela - depois de lhe deixar entender que aquilo que ele esperava chegara, que a besta tinha surgido. Desamparado, "Ele estava absolutamente mobilizado por outra questão, aquela de seu passado não identificado e de seu destino que era avançado, disfarçado e mascarado" (James, 1903, p.83). Mais que uma adolescência em branco, uma vida em branco.

Em seguida o tempo passa outra vez. Ele viaja, volta e investe no cemitério onde ela repousa, como o

³ Com níveis determinados a partir dos indicadores do Rorschach e do TAT e indo da não elaboração à elaboração da posição depressiva: a depressão não elaborada, uma forte sensibilidade depressiva, uma sensibilidade depressiva vivida de um modo narcísico, a possibilidade do tratamento pulsional do modo libidinal ou agressivo e, finalmente, o acesso à ambivalência. Esta metodologia foi retomada em uma pesquisa complementar que confirmou seus resultados (Emmanuelli., 2000).

único lugar que lhe evoca lembranças como anteriormente: “É assim que ele passa a viver, vivendo da ideia de que ele tinha vivido. E esta ideia tornou-se de uma só vez seu último recurso e sua identidade” (James, 1903, p. 90).

Um dia, no cemitério, a sorte o leva a ficar frente a frente com um homem com o rosto devastado pelo desespero. John Marquer é obrigado a se perguntar: “O que este homem havia possuído que, uma vez perdido, o torturava assim, deixando-o viver?” (James, 1903, p. 93).

Era algo que ele, John Marquer, não tinha. E surgiu então a resposta brutal a esta pergunta:

Aquilo que ele acabava de ver lhe indicava em letras de fogo aquilo que ele tinha deixado passar totalmente e loucamente. E aquilo que ele tinha deixado passar formava um rastro incandescente que queimava seu coração e lhe fechava a garganta de angústia. Ele tinha assistido como espectador, ele não tinha vivido do interior, como se chora por uma mulher quando a amamos por ela mesma. Era esta a convicção a que o tinha levado fortemente o rosto daquele estranho (...) aquele saber não tinha sido trazido pela experiência, ele tinha vindo esbarrar-lhe, bagunçar-lhe a vida, (...) agora (...) aquilo que ele enxergava era somente o vazio borbulhante de sua existência (...) e ele compreendeu brutalmente que aquilo que ele tinha deixado passar era ela, May Bartram. Ele poderia ter escapado ao seu destino amando-a, então sim, ele teria vivido. May Bartram tinha vivido, e quem poderia dizer hoje com que paixão? Já que ela o havia amado por ele mesmo, enquanto ele nunca havia pensado nela, a não ser através do frio interesse de seu egoísmo (James, 1903, p. 93-94).

Então ele sofre, enfim ele chora:

através das lágrimas, no entanto, ele tentava fixar este conhecimento e o absorver. Ele não baixava o olhar afim de continuar a sofrer, pois este conhecimento amargo e tardio tinha contido o sabor da vida. Então, olhando de mais perto, ele sentiu vir no ar, imenso e assustador, o salto que o faria grudar na terra (James, 1903, p. 96).

Esta maneira de se esconder durante toda a sua vida tinha por objetivo inconsciente não experimentar nenhum afeto, nem amor nem dor em relação ao objeto, evitando assim admitir o limite existente na vida.

John Marquer terá crescido enfim, ao encontrar no rosto de outrem a dor da perda de um ser amado? Terá sido pela dor – que dá sabor à vida – que ele entrou em si mesmo, ao mesmo tempo em que foi abatido?

Podemos pensá-lo notando que o que o autor atribui ao seu personagem não reflete nele mesmo, apesar disto, o acesso a uma evolução similar. David Lodge, em seu romance *L’auteur! L’auteur! (O autor! O autor!)*, apoia-se para falar de James, em trabalhos biográficos e no que resta das anotações de um autor preocupado em preservar o segredo de sua intimidade. Segundo ele, *La bête dans la jungle* inspira-se na relação de James com a escritora Constance Fenimore Woolson, relação que James se esforçou para que não fosse além de uma terna amizade. O suicídio dela fez com que Henry James mergulhasse em uma forte angústia, devido ao temor de ter sido o responsável por tal ato. A ideia da novela teria nascido de anotações encontradas em um caderno de Fenimore: “*Imaginemos um homem nascido sem coração. É um homem de bem, ao menos ele não é cruel, não é excessivo, exibe sábia conduta; mas ele não tem coração*” - anotações que o próprio James divulga (Lodge, 2004, p. 229). Se seguirmos a descrição de Lodge do romancista, o engajamento na literatura teria permitido que James mantivesse distantes os compromissos humanos e os conflitos da vida “real” e a capacidade de viver pela sublimação que o próprio autor temia que lhe secasse o coração - como havia escrito a mãe de Flaubert ao seu filho: “*Tua mania de frases te secou o coração*” (Lodge, 2004, p. 230).

Pode-se considerar que para alguns seres humanos é através da sublimação que se opera o tratamento da pulsão e da perda do objeto. Encontrada em poucos adolescentes em meus primeiros trabalhos, eu a procurei mais tarde nos estudantes de grandes escolas e nos artistas pintores de todas as idades. Acabei por encontrar tipos de funcionamento psíquico tão distintos que concluí, relativamente aos pintores, que

A gestão do mundo pulsional e o tratamento dos afetos dispõem, nestes sujeitos, de uma grande diversidade de mecanismos de defesa encarregados de se confrontarem, se inscrevendo em registros muitos variados. Alguns, como as clivagens, operam sem modulação e o trabalho de ligação do eu, no conjunto, se revela muitas vezes descontínuo: a atividade criativa se apóia nas modalidades de funcionamento que vão da ancoragem intensa no pulsional e expressão dos afetos, até a desfusão radical das pulsões, passando

pela luta maior contra a depressão (Emmanuelli, 2001, p.59).

A evocação de James e Flaubert demonstra que, para certos artistas, a obra permite elaborar em seus trabalhos o que eles não podem elaborar nas suas próprias vidas. As saídas para o trabalho psíquico destinado à elaboração dos conflitos são diversas e a temporalidade nesta elaboração é variável. Para a jovem Anne Frank, de uma maturidade notável, o interesse pela sua escrita transcende o medo da morte, cuja evocação ela não evita: “Eu cheguei ao ponto em que é quase igual morrer ou permanecer viva, o mundo continuará a dar voltas sem mim e, de toda maneira, eu nada posso contra estes acontecimentos (...) eu deixo as coisas seguirem seu curso, mas se eu for salva, se eu escapar ao aniquilamento, eu acharei verdadeiramente pavoroso que meu diário e meus contos sejam perdidos” (Frank, 1989, p.520).

A sublimação lhe proporciona uma saída que permite que nela sobreviva algo de essencial, mais essencial que ela mesma.

Deste modo, a sublimação pode coexistir com as dificuldades de elaboração dos conflitos e manter o criador como alvo de angústias depressivas, proporcionando-lhe, concomitantemente, uma alternativa elaborativa e um projeto narcísico. É isto o que diz a narradora, uma pintora do romance de Virginia Woolf *Voyage au phare (Passeio ao farol)*, que é a porta-voz da escritora.

Aos 41 anos, em 1925, Virginia Woolf escreve *Voyage au phare*, história em três tempos onde se visualiza uma imagem feminina/maternal admirável - foco da atenção de todos - que é central no início da história e ausente no terceiro episódio - objeto da ambivalência da narradora.

Alvo de tristeza ante a representação do desaparecimento desta mulher (“Um fantasma, uma exalação, um vazio...”), ela se interroga: “O que isto significa? Como você explica tudo isto?”). A pintora se diz então: “Você, eu, ela passamos e desaparecemos; nada dura; tudo muda, mas não as palavras; não a pintura. No entanto, pensou ela, nós a prenderíamos nos celeiros; nós a enrolaríamos para forrar-lhe sob os divãs; e no entanto, mesmo a propósito de um quadro desta ordem, era verdade (...) poderia-se dizer que ele permaneceria para sempre, diria ela ou (...) sugeriria, sem a ajuda das palavras” (Woolf, 1925, p. 530).

Ora, com a morte de sua mãe quando Virgínia tem 13 anos surgem seus primeiros episódios depressivos, que a acompanharão por toda a vida. No seu diário de 1925, a articulação entre a autobiografia e o romance aparece por via do jogo do isolamento. Ela evoca a sua

mãe como “uma mulher muito egoísta”, em seguida ela escreve: “eu pensava em construir a Viagem ao Farol”. Escrever lhe proporcionou uma saída para esta difícil elaboração da perda do objeto, que implica o acesso à ambivalência; mas a escrita não pôde, apesar disto, sustentar o investimento da pulsão de vida em Virgínia Woolf além de certo limite.

Para concluir, penso que uma reflexão sobre este assunto nos conduz a formular a questão em termos de normalidade: o que é um processo normal de maturidade? Este tema coloca em questão o mito implícito de um processo “normal”, referência que me parece presente como pano de fundo, quando se trabalham os protocolos projetivos, para a capacidade de elaboração dos conflitos, que seria a conclusão das grandes etapas da vida. Tal elaboração, recolocada em cena nas diferentes etapas, é frequentemente frágil, especialmente na elaboração da posição depressiva e na do Édipo. O recurso à sublimação oferece uma saída ao desligamento dos laços por constituir um setor importante de investimento sem, no entanto, seguir sempre em paralelo a um processo de maturação psíquica dos conflitos que permite pensar que a vida não é somente suportável, ela é também atraente.

REFERÊNCIAS

- Azoulay, C. (2008). A reativação da perda de objeto. In Emmanuelli M. & Azoulay C. *As técnicas projetivas na adolescência. Abordagem psicanalítica*. (M. A. Souza, Trad.). São Paulo: Vetor Editora.
- Cahn, R. (2002). Les identifications à l'adolescence. In L. Danon-Boileau, A. Fine, & Wainrib S. *Identifications*. (pp. 111-125). Paris: PUF, Monographies de psychanalyse.
- Chiantaretto, J. F. (1999). L'écriture de soi à la puberté: une approche théorique-clinique. A propos des Journaux d'Anne Frank. *Adolescence*, 17(1), 171-181.
- David, C. (1998). Aimer c'est croître. *Adolescence*, 16(2), 7-15.
- Duhamel, G. (1934). *Le jardin des bêtes sauvages*, Paris: Mercvre de France.
- Emmanuelli, M. (1996). L'inhibition intellectuelle à la pré-adolescence: mise en défaut de la latence et prélude à la séparation. *Psychologie clinique et projective*, 2(2), 261-278.
- Emmanuelli, M. (2001). Place et rôle de l'affect dans les processus de sublimation artistique. *Bulletin de psychologie*, 54(5), 553-561.
- Flaubert, G. (1842). *Les mémoires d'un fou, Novembre, Pyrénées-Corse, Voyage en Italie*. Paris: Gallimard.
- Frank, A. (1989). *Les journaux d'Anne Frank*. Paris: Calmann-Levy.
- Freud, S. (1905). *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. Paris: Gallimard.
- Freud, S. (1928). Extrait inédit d'une lettre à Jones. In M. Schur. (1972). *La mort dans la vie de Freud* (p. 482). Paris: Gallimard.

- Guillaumin, J. (2001). *Adolescence et désenchantement*. Bordeaux: L'Esprit du temps.
- James, H. (1991). *La bête dans la jungle*. Paris, editions Criterion. (Original publicado em 1903)
- Kafka, F. (1994). *Lettres au père*. Toulouse: Edition Ombre. (Original publicado em 1919)
- Marai, S. (1992). *Les revoltés*. Paris: Albin Michel. (Original publicado em 1930)
- Richard, C. (2004). *Le vol symptomatique à l'adolescence, mémoire de maîtrise de psychologie clinique*. Paris: Université Paris Descartes.
- Vieira, A. (2004). *Qualité de la représentation de la perte d'objet des sujets anorexiques à l'adolescence, mémoire de maîtrise de psychologie clinique*. Paris :Université Paris Descartes.
- Woolf, V. (1925). *Voyage au phare*, in *Romans et nouvelles 1917-1941*. Paris: Le livre de poche, La pochothèque.

Recebido em 27/03/2009

Aceito em 13/01/2011

Endereço para correspondência: Michèle Emmanuelli. 48 rue du Chemin Vert, 75011, Paris, France.
E-mail: michele.emmanuelli@wanadoo.fr.